

O feminismo é um humanismo: estamos ainda na era do humanismo?<sup>1</sup>

*Le féminisme est un humanisme: sommes-nous encore à l'ère de l'humanisme?*

### **Luiza Helena Hilgert**

Pós-doutoranda em Filosofia pela UFSCar  
Bolsista FAPESP  
luizahilgert@hotmail.com

**Resumo:** O presente texto é norteado por três ideias e visa tanto explicá-las quanto defendê-las, a saber, em primeiro lugar, que o feminismo é uma teoria filosófica que procura superar a perspectiva particular e singular com a qual a História da Filosofia foi majoritariamente construída; em segundo lugar, que essa teoria filosófica, o feminismo, é um humanismo na medida em que abarca a perspectiva de um sujeito cuja transcendência foi transcendida por uma consciência que se fez absoluta e essencial e, por isso, deseja emancipá-lo libertando-o; por último, que essas ferramentas teórico-conceituais permitem realizar reflexões para a compreensão e a análise da nossa própria época, era em que o humanismo antevê seu final. Para tal, se faz uso das teorias de Simone de Beauvoir e de Achille Mbembe.

**Palavras-chave:** Mulher; Sujeito; História da Filosofia.

**Résumé:** *Le présent texte est guidé par trois idées et vise à les expliquer et à les défendre, à savoir, que le féminisme est une théorie philosophique qui cherche à dépasser la perspective particulière et singulière avec laquelle l'Histoire de la philosophie a été principalement construite; deuxièmement, cette théorie philosophique, le féminisme, est un humanisme dans la mesure où elle embrasse la perspective d'un sujet dont la transcendance a été transcendée par une conscience devenue absolue et essentielle et souhaite donc l'émanciper en le libérant; par fin, ces outils théoriques et conceptuels nous permettent de faire des réflexions pour la compréhension et l'analyse de notre propre temps, temps dans lequel l'humanisme voit son final. Pour cela, nous utilisons les théories de Simone de Beauvoir et Achille Mbembe.*

**Mots-clés:** *Femme; Sujet; Histoire de la Philosophie.*

---

<sup>1</sup> Agradeço a todas e todos que se fizeram presentes no I Congresso Internacional Simone de Beauvoir, especialmente às minhas colegas de organização do evento: Juliana Oliva, Rafaela Marques e Silene Torres Marques, quem nos propôs a empreitada. Retifico que foi um grande prazer estar na universidade falando de filosofia e feminismo em tempos sombrios. Conseguimos alcançar o grande feito de congregar quase 100 inscritos, do Brasil e do exterior, interessados em apresentar trabalhos sobre Beauvoir, ainda que nem todos puderam comparecer, por diferentes e particulares motivos.

Não se trata de abolir na mulher as contingências e as misérias da condição humana e sim de lhe dar os meios de as superar. (Simone de Beauvoir)

À Thana Mara de Souza e Juliana Oliva

## Introdução

O I Congresso Internacional Simone de Beauvoir: 70 anos de *O segundo sexo* foi idealizado<sup>2</sup> e realizado<sup>3</sup> durante um período politicamente bastante conturbado. Organizar um evento sobre uma filósofa considerada ameaça pelo governo recém-eleito acabou significando para além da ocasião de celebrar os setenta anos da publicação de *O segundo sexo* e da construção da oportunidade de afirmação do reconhecimento do pensamento beauvoiriano no *main hall* da História da Filosofia, também uma atividade para marcar o lugar de resistência e de enfrentamento que é a universidade pública. Forjado no contexto situacional de incertezas e de iniciativas de resistência pululando pelo país<sup>4</sup>, o evento aconteceu concomitantemente a uma – assim chamada – *Programação paralela* sem autoria conhecida, que não fez parte da programação oficial de debates, comunicações, mesas-redondas, minicursos, palestras e conferências acerca do pensamento de Simone de Beauvoir, mas que se pautou nos debates de ordem político-econômica realizados pelas organizações e movimentos sociais locais, tal qual no resto do país, com foco na discussão sobre os malefícios e prejuízos das propostas governamentais às minorias, sobretudo às mulheres<sup>5</sup>.

Solidária aos ofendidos pelos ataques dos nossos representantes políticos e sensibilizada com as circunstâncias nas quais eu desejava intervir, me empenhei com as minhas colegas e pares para fazer do fenômeno social e político no qual nos encontrávamos – e nos encontramos ainda – um momento de reflexão e de reunião de todas aquelas que estudam a filosofia de Simone de Beauvoir no país e receber também às que o fazem fora do Brasil. Por tudo isso, considero relevante informar que a palestra proferida na Mesa de Debate *Beauvoir e a Fenomenologia* durante o I Congresso Internacional Simone de Beauvoir: 70 anos de *O segundo sexo* e aqui publicada é, de maneira simples e introdutória, uma tentativa de pensar com as ferramentas da filosofia beauvoiriana a nossa época mais imediata e os nossos problemas mais recentes com a diligência última de responder a pergunta: e agora, o que fazer? Por isso, o presente texto pode ser considerado, com efeito, muito mais um convite para se fazer leituras mais detidas e respeitadas do pensamento beauvoiriano que um exercício de exegese filosófica de rigor academicista.

Para colocar o perguntado da questão e pensar o *agora*, me apoiei sobre as reflexões de Achille Mbembe, que tem, junto com outros importantes teóricos e intelectuais, se dedicado à profícua tarefa de tentar compreender o que se passa conosco e com nossa era. Mbembe se tornou bastante conhecido pelas obras: *De La Postcolonie, essai sur*

---

2 Entre setembro de 2018 e junho de 2019.

3 O evento aconteceu de 12 a 14 de junho na Universidade Federal de São Carlos/SP.

4 Dia 14 de junho de 2019 foi marcado pela Greve Geral em que diversas categorias paralisaram suas atividades contra a Reforma da Previdência, cortes da educação e contra o desemprego. Forças sindicais falaram em mais de 45 milhões de trabalhadores em greve, segundo informações do jornal *El país* de 14 de junho de 2019.

5 Agradeço a todas e todos pela participação e pelas discussões realizadas.

*l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine* (2000) e *Critique de la raison nègre* (2013), porém, usarei, principalmente, o breve texto ensaístico escrito às vésperas de 2017, *The age of humanism is ending* (2016).

Dito isso, o texto que segue foi dividido em três movimentos: a) no primeiro, apresento a ideia de que o Feminismo<sup>6</sup> é uma Filosofia; b) no segundo, defendo que essa Filosofia, a saber, o Feminismo, é um Humanismo e, por fim, c) no terceiro momento, procuro refletir sobre a época na qual nos encontramos, no contexto político-econômico no qual vivemos e, seguindo a aproximação entre feminismo, humanismo e pensamento decolonial<sup>7</sup>, pensar a contemporaneidade mais imediata a partir da leitura de Achille Mbembe quando afirma que estamos chegando ao fim da era do humanismo para, então, perguntar: o que é possível fazer?

## 1. O feminismo é filosofia

A manifestação mais conhecida do Feminismo é, me arrisco a dizer, na forma de movimento político. Para o Feminismo existir, contudo, como movimento político que reivindica liberdade às mulheres e igualdade entre os gêneros, é preciso, antes, que haja uma *metafísica*, uma concepção de mundo, uma perspectiva filosófica, uma filosofia<sup>8</sup> que desacredite da inferioridade de um gênero sobre o outro e que fundamente teoricamente o que prega o Feminismo para que garanta também no campo do debate e da racionalidade essa luta em suas diversas expressões, protesto e disputa. Da mesma maneira como houve e imperou durante a História da Humanidade, como bem nos mostrou Simone de Beauvoir na obra que celebramos hoje os 70 anos de publicação, um cabedal teórico-histórico-científico que colocou a mulher no lugar secundário, de Outro.

O primeiro volume de *O segundo sexo*, intitulado *Fatos e mitos*, tem por função, justamente, demonstrar como os pilares culturais da História da Humanidade, a saber, as ciências, a filosofia, a religião e a literatura, se esforçaram em explicar isto que nós, mulheres, somos e, ao fazê-lo, nos construíram envoltas em fabulações, quimeras, preconceitos, lendas, *mitos* que se consolidaram historicamente como *fatos*. Todos, nas suas fantasiosas diferenças, se assemelham por criarem uma figura essencializada acerca da mulher que dificilmente nos beneficia, mas que certamente nos limita:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. (BEAUVOIR, 1970a, p. 23)

6 Como é sabido, *feminismo* é um termo complexo, cujo uso, aqui, pode gerar confusão em razão das diferentes interpretações e significações. Adiante explico melhor o sentido comum que atribuo aqui ao conceito.

7 Isento-me, tanto por falta de tempo quanto pela de competência, de apresentar as variações e suas implicações do uso dos termos pós-colonial, decolonial, descolonial, neocolonialismo.

8 Uso aqui o termo Filosofia no sentido mais lato e largo, que concebe filosofia como sabedoria; como explicação teórica acerca do mundo, da situação, do humano.

Beauvoir assinala que a *condição humana* da mulher obedece à mesma constituição ontológica do homem, isto é, a de ser uma liberdade autônoma. A situação da mulher difere, contudo, da do homem e isso muda tudo. Os homens impuseram à mulher a condição de Outro e essa determinação histórica altera a condição concreta desse sujeito cuja transcendência é transcendida por uma consciência que se fez Absoluta, a do homem. Beauvoir explica que *o mundo é dos machos*, isso significa que o homem é o Sujeito (com letra maiúscula mesmo), a consciência essencial e absoluta que determina o Outro como inessencial; este Outro é secundário, portanto, no sentido de que é constituído como tal ao diferenciar-se do homem. Logo, a mulher é o Outro. Há o Um e o Outro, o Sujeito e o Outro; cabendo à mulher, sempre, a condição assinalada de *segundo sexo*.

Importante observar que essa condição de segundo sexo não é ontológica, mas determinada pela situação e, conseqüentemente, contingente. O problema identificado por Beauvoir está, sobretudo, na discrepância entre a condição fundamental do sujeito-mulher que se posiciona como consciência essencial e como transcendência numa situação que a constitui como imanência, como inessencial. Essa outra consciência, como dissemos há pouco, é o homem. É claro que o homem, assim como a mulher, é um ser humano e, como tais, cada qual se constitui de maneira singular e particular e que quando Simone de Beauvoir se refere a *o homem*, a autora não fala de *um* homem, ou *este* homem singular e específico, mas enquanto categoria que possui e possuiu ao longo da História da Humanidade as chaves de interpretação, explicação e constituição do mundo e dos sujeitos. Quero dizer com isso que a condição da mulher como segundo sexo está assentada sobre as bases de *uma* concepção de mundo, de uma filosofia – podemos dizer assim – singular, que se alçou por conta própria à universalização, ao absoluto.

Essas ponderações elementares acerca da filosofia beauvoiriana são relevantes para o que pretendo neste artigo justamente porque considero que *na* teoria do Feminismo está contida também um tipo de filosofia. A teoria de que homens e mulheres são iguais na sua constituição, mas que circunstâncias históricas transformaram a mulher no *segundo sexo* não foi inaugurada por Simone de Beauvoir. A compreensão acerca da igualdade de direitos entre os sexos talvez remonte a Sapho de Lesbos, a Hipácia de Alexandria e muitas outras importantes figuras reduzidas ou apagadas da História; certamente ganhou um pouco mais de corpo durante o Iluminismo e a Revolução Francesa e podemos aqui citar, por exemplo, a contribuição de Olympe de Gouges, também da escritora britânica Mary Wollstonecraft; se tornou notória com as sufragistas; passou por Simone de Beauvoir e a publicação de *O segundo sexo*, em 1949; explodiu nos anos 1960 e é, hoje, bastante diversificada e conta com diferentes frentes. O que guardam em comum é, com efeito, a oposição à ideia da superioridade masculina, a defesa de que é necessário enfrentar as conseqüências históricas de séculos de opressão contra as mulheres.

Neste ponto em diante temos condições de compreender melhor os objetivos e a defesa do *primeiro movimento* do texto. Se desdobrarmos a primeira parte do título do presente escrito, que eu repito, “O feminismo é um humanismo”, somando-o ao que acabo de defender, teríamos, então, algo como: “A Filosofia acerca da igualdade das mulheres é um Humanismo”. E, se quiséssemos *desembrulhar* um pouco mais, porque

nesta ideia há mais elementos contidos, teríamos, por sua vez o seguinte: “A filosofia que compreende a igualdade das mulheres, igualdade esta que ainda está para ser construída e, por isso mesmo, precisamos conhecer e difundir concepções de mundo e perspectivas das relações intersubjetivas para além da masculina e europeia... é um Humanismo”. Explico, em seguida, em que sentido penso que o feminismo é uma filosofia humanista, ou se se preferir, em que medida o Feminismo é um Humanismo.

## 2. O feminismo é um humanismo

Na obra *O segundo sexo*, Beauvoir se esforça em demonstrar como as explicações sobre o mundo, as interpretações acerca do bem e o do mal, do certo e do errado, construídas pela Filosofia, pelas religiões, pelas ciências e pela Literatura, representam a perspectiva masculina e europeia. Uma das grandes contribuições teóricas legadas por Beauvoir é a de denunciar como essa perspectiva é individual e singular, bastante enraizada e subjetivada, portanto, mas que se tornou a maneira oficial, equivocadamente universal de pensar a realidade, as relações intersubjetivas e, por consequência, a definição de Homem e Mulher, a ponto de Homem ter se tornado equivalente à e sinônimo de Humanidade.

Afirmar que o feminismo é um humanismo significa ter de considerar a humanidade como composta por mais de um elemento, mais de um gênero que não somente o masculino. E um passo fundamental para a igualdade entre os sexos, para a igualdade de direitos, é a necessidade de reparar o erro histórico da inferiorização da mulher decorrente de um erro de método, a saber, o de tomar o singular como absoluto, o de considerar *uma* perspectiva, a masculina europeia, como universalmente válida ao subsumir todas as outras.

Os pilares da narrativa do mundo e seu sentido, isto é, a filosofia, a religião e a literatura, por exemplo, ofereceram, ao longo da História da Humanidade, uma visão unilateral: a do homem, tão singular e relativa quanto a da mulher; no entanto, o homem se fez Sujeito Absoluto e sua compreensão se transformou na hegemônica concepção natural não só do mundo, mas também dos sujeitos e, conseqüentemente, da mulher. A mulher nunca foi, na História, sujeito que se descreve e se pensa a partir de si mesma, mas definida e determinada a partir do homem. Foi, assim, então formado o que Simone de Beauvoir chamou de *eterno feminino*: a explicação padronizada e estereotipada da mulher: dócil, frágil, pueril, frívola, maternal, etc. É também por isso que Beauvoir diagnostica, na obra *O segundo sexo*, que “o mundo é dos machos” e podemos afirmar, com efeito, que ainda no século XXI, apesar de conquistas e avançamos consideráveis, toda mulher (ou quase toda conforme forem os privilégios e a consciência do mundo a sua volta) é *invasora* de um território que não lhe pertence quando põe *os pés fora de casa*.

Asseverar o feminismo como um humanismo não significa uma afirmação abstrata e metafísica que desconsidera a existência particularizada da mulher como se se dissesse: “Minha ideia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados seres humanos” (BEAUVOIR, 1970a, p. 8). E não pode ser isso porque apesar sermos – nós, mulheres, assim como também o são os homens – todos seres humanos, todo ser humano só existe de maneira concreta, ou seja, se

situa corporal e historicamente de modo singular. Em outras palavras, só há *homens* e *mulheres* e não essa abstrata categoria *humana*. Beauvoir chamou de eterno feminino as características estereotipadas da mulher, como docilidade, submissão, fragilidade, etc., retratadas historicamente sob as figuras da mãe, da virgem, da louca, daquela que coloca o coração acima da razão e outras imagens desse tipo e que vemos ainda hoje amplamente reproduzidas nos diversos setores da sociedade, desde comerciais televisivos até em discursos públicos e políticos.

A filósofa identifica que a relação entre os dois sexos nunca foi como a de dois polos equivalentes ainda que eventualmente conflitantes, mas que o homem representa ao mesmo tempo o positivo e o neutro de tal forma que dizemos “os homens” para designar a Humanidade e abarcar o conjunto de todos os seres humanos; ao passo que a mulher é o negativo, o que destoa, o gênero a que toda determinação é lida como limitação e desdobramento do gênero masculino porque é o gênero Absoluto. Isso significa dizer que a humanidade é masculina e que o homem estabeleceu o lugar da mulher segundo a interpretação que fez não da mulher em si mesma, mas da mulher em relação a ele próprio. O homem foi tomado como referência, como paradigma e a mulher foi definida a partir da percepção feita pelo olhar masculino:

Ela [a mulher] não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela [a mulher] é o Outro. (BEAUVOIR, 1970a, pp. 9-10)

Recusar a noção de eterno feminino não é o mesmo, contudo, que negar que haja mulheres, antes – e sobretudo – é compreender que o lugar da mulher como o segundo sexo não passa de uma construção histórica e que, como tal, pode ser desconstruída e refeita. Também não significa reconhecer no homem um inimigo, mas entender que a História lhe concedeu alguns benefícios que ele julga ter por direito ou conquistados por seu próprio mérito, uma vez que não os vive como privilégios, mas como se tudo seguisse a ordem natural do mundo.

Questionar a versão oficial unilateral da História e ampliar as interpretações segundo as diferentes perspectivas possíveis significa assumir um discurso mais verídico, mais verossimilhante em relação ao mundo e aos sujeitos, na medida em que inclui e engloba os diferentes agentes e sujeitos que o compõem. A justificativa para a defesa da ideia de que o feminismo é um humanismo não assenta primariamente sob bases éticas, mas filosóficas e antropológicas, porque não visa somente reparar um erro cometido *a posteriori*, do campo das leis e da moral, porém, como dito anteriormente, refere-se a consertar um equívoco de método, uma vez que o que fora tomado como universal e absoluto era tão singular e contingente quanto possível. É preciso repensar o modo de tratamento dado às estruturas radicais do sujeito histórico.

Na obra *Por uma moral da ambiguidade*, Beauvoir defende que “Uma moral da ambiguidade será uma moral que se recusará a negar *a priori* que existentes separados possam ao mesmo tempo estar ligados entre si e que suas liberdades singulares possam forjar leis válidas para todos” (BEAUVOIR, 2005, p. 21). É preciso observar que o peso da noção de situação na filosofia beauvoiriana implica na obrigatoriedade do

reconhecimento das separações que ela implica que, na prática, indica que existentes cuja situação os separa não podem forjar leis universalmente válidas, justamente porque se entende que a situação determina o lugar de cada existente de maneira muito particular a ponto de impedir que um existente seja *régua* para outro.

No final da obra *O segundo sexo*, quando Beauvoir aponta as conclusões dos seus dois tomos de pesquisas, diagnósticos e teorias e, finalmente, se propõe a antever o que seria necessário para caminharmos em direção à libertação, a filósofa fala da reciprocidade das relações entre homem e mulher: “[...] é quando for abolida a escravidão de uma parte da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que [ele] implica, que a ‘seção’ da humanidade revelará sua significação autêntica [...]” (BEAUVOIR, 1970b, p. 500). Essa filosofia que faz frente aos vários séculos de apagamento e opressão, que reivindica o reconhecimento do equívoco feito ao tomar o singular como universal, que afirma a necessidade de fazer triunfar o reino da liberdade, é um Humanismo no seu sentido forte, na medida em exige o reconhecimento mútuo de ambas as categorias de humano como sujeito, como um *outro* para o outro (em minúscula mesmo).

O feminismo não é, portanto, somente a luta diante da desigualdade, mas contra uma marginalização histórica que acomete a metade da humanidade desde o princípio dos tempos, em direção a uma reclassificação, recolocação, ressignificação, reposicionamento, elevação, do gênero. Não é apenas – e uso os termos *somente* e *apenas* não para diminuir esta luta, mas para elencar outros elementos – uma luta por direitos, mas contra um esquema que abrange toda a sociedade e que se mantém pouco alterado desde os primórdios. Metade da humanidade é sem passado, sem História. Metade da Humanidade está excluída da sociedade. É nessa medida que o feminismo é um humanismo.

Por outro lado, talvez estejamos vivendo o fim do humanismo.

### 3. O fim da era do humanismo

Na coluna *Analysis*, do periódico *Mail & Guardian*, da África do Sul, o cientista político Achille Mbembe publica em 22 de dezembro de 2016 o artigo *The age of humanism is ending (A era do humanismo está terminando)*, no qual identifica que vivemos um momento singular marcado pelo declínio dos valores humanistas e nos aproximamos do que ele chama de *fim da era do humanismo*. Os indícios apontados pelo pensador, que já se manifestam e que se acentuarão cada vez mais, são os seguintes:

[...] a destruição ecológica da Terra continuará e a guerra contra o terror se converterá cada vez mais em uma guerra de extermínio entre as várias formas de niilismo. As desigualdades continuarão a crescer em todo o mundo. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classe, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais. A difamação de virtudes como o cuidado, a compaixão e a generosidade vai de mãos dadas com a crença, especialmente entre os pobres, de que ganhar é a única coisa que importa e de que ganhar – por qualquer meio necessário – é, em última instância, a coisa certa. Com o triunfo desta aproximação neodarwiniana para fazer história, o *apartheid*, sob diversas modulações, será restaurado como a nova velha norma. Sua restauração abrirá caminho para novos impulsos separatistas,

para a construção de mais muros, para a militarização de mais fronteiras, para formas mortais de policiamento, para guerras mais assimétricas, para alianças quebradas e para inumeráveis divisões internas, inclusive em democracias estabelecidas. (MBEMBE, 2016)

E ainda, nesse sentido, o filósofo analisa que o principal conflito da nossa época será entre democracia liberal e capitalismo neoliberal, ou seja, de um lado uma democracia representativa e constitucional e do outro o os interesses financeiros, do lucro. Em resumo, Mbembe chama esse contexto de confronto entre humanismo e niilismo e entende que o cenário que se apresenta é de uma crescente bifurcação entre democracia e capital a ponto de ser a real ameaça ao que conhecemos como civilização. O fim da era do humanismo recebe apoiadores que, em épocas anteriores, estavam em campos opostos, mas que hoje se unem: o capital financeiro conseguiu hegemonia no mundo com o suporte do poder tecnológico e militar. A esse movimento, o pensador dá o nome de *primeira teologia secular global*.

Nessa complexa seara política e econômica, Mbembe afirma que a lógica interna do capitalismo se torna incompatível com a estrutura de democracia liberal vigente. Pouco a pouco, a noção iluminista do “ser pensante”, do sujeito racional que faz escolhas à luz do conhecimento e do pensamento é substituída pela do consumidor e eleitor, que não é o indivíduo liberal protagonista da democracia, mas um novo tipo de ser humano constituído pelas tecnologias digitais e meios computacionais.

O historiador observa uma crescente posição anti-humanista de mãos dadas com o desprezo pela democracia e pelas instituições e alerta que chamar esta fase da história de fascista é equivocado, uma vez que estamos num estado social de guerra em processo de normalização. Mbembe prefere pensar o presente como uma guerra de classe que nega sua própria natureza: guerra contra pobres, guerra racial contra as minorias e guerra de gênero contra as mulheres. E justamente neste contexto, os empreendedores políticos de maior sucesso serão aqueles que falarem de maneira convincente aos perdedores, aos homens e mulheres destruídos pela globalização e pelas suas identidades arruinadas. Nesse período de fim de humanismo, o debate teórico deixa de existir e a prática política se converte na luta de rua. Nesse contexto, tanto a *razão* quanto os  *fatos* serão irrelevantes porque são outros os artífices e elementos de disputa.

Aqui nos encontramos diante de um impasse: há pouco defendi que o Feminismo é um Humanismo, mas as constatações de Mbembe acerca do fim da era do humanismo nos obrigam a reavaliar as contribuições do pensamento beauvoiriano para pensar o lugar da mulher nesse novo contexto e, além disso, para nos questionarmos sobre a atualidade das suas teorias. Se a era do humanismo se aproxima do seu término, se não viveremos mais por muito tempo sob a égide das consequências racionalistas e iluministas desse movimento, precisamos nos perguntar, então, que tipo de feminismo se faz necessário hoje. Beauvoir antevia, em 1949, que o caminho da liberdade das mulheres passaria pela autonomia financeira:

A mulher sustentada – esposa ou cortesã – não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto; se os costumes lhe impõem menos obrigações que outrora, as licenças negativas não lhe modificaram profundamente a situação; ela continua adstrita à sua condição de vassala. Foi pelo trabalho que a mulher

cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. (BEAUVOIR, 1970b, p. 449)

Por outro lado, embora a escolaridade das mulheres, o rendimento financeiro e a ocupação de cargos de chefia terem aumentado desde a época de Beauvoir até hoje, o poder permanece nas mãos dos homens, a sociedade continua patriarcal, o machismo estrutural é vigente e não parece diminuir na mesma velocidade que avança a autonomia financeira das mulheres. Simone de Beauvoir afirmou com razão que, em um sistema que valoriza o capital e o lucro, se as mulheres não fizerem parte da população economicamente rentável permanecerão à mercê dos provedores do seu sustento, contudo, podemos nos perguntar se a aposta beauvoiriana de que “desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona” (BEAUVOIR, 1970b, p. 449) não se mostrou insuficiente. A lógica de que a independência econômica da mulher implodiria o sistema que a mantém vassala está invertida. Se nem o direito à eleição de representantes políticos, nem a condição de cidadã, letrada e educada, trabalhadora e CEO, tornaram a mulher livre, precisamos perguntar o que fazer. A resposta, creio, deve vir da própria Beauvoir.

#### 4. Considerações finais, ou: o que fazer?

É também Simone de Beauvoir que alerta contra a ingenuidade: “Não se deve, entretanto, acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita liberdade: hoje o trabalho não é a liberdade. [...] Em sua maioria, os trabalhadores são hoje explorados” (BEAUVOIR, 1970b, p. 450). As mulheres votam, trabalham, são independentes financeiramente, mas a estrutura social ainda não foi profundamente alterada. O que isso significa?

A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído pela forma global de sua vida. Ora, quando inicia sua vida de adulto, ela não tem atrás de si o mesmo passado de um rapaz; não é considerada de maneira idêntica pela sociedade; o universo apresenta-se a ela dentro de uma perspectiva diferente. O fato de ser uma mulher coloca hoje problemas singulares perante um ser humano autônomo. (BEAUVOIR, 1970b, pp. 451-452)

O problema identificado por Beauvoir está no conflito da condição da mulher que está a caminho da sua libertação: para que realize sua *feminilidade*<sup>9</sup> pede-se que se faça objeto, que se renuncie como Sujeito, mas ela se recusa e vive, então, numa espécie de guerra. São, adverte Beauvoir em 1949, novos os problemas da mulher que adentra o mercado de trabalho, uma vez que está entre a mulher vassala e o homem.

Não podemos dizer, com efeito, que este problema está superado apesar dos 70 anos que nos separam desse diagnóstico. Como agravantes, se considerarmos as reflexões de Achille Mbembe sobre o fim da era do humanismo e o prognóstico sobre

---

9 “A ideia de feminilidade impõe-se de fora a toda mulher, precisamente porque se define artificialmente pelos costumes e pelas modas [...]. A mulher que não se conforma com isso [com a ideia de feminilidade] desvaloriza-se sexualmente e, por conseguinte, socialmente, porquanto a sociedade integrou os valores sexuais” (BEAUVOIR, 1970b, p. 452).

o futuro que nos aguarda, para relembrar, a intensificação vigorosa do conflito entre a democracia liberal e o extremo do capitalismo neoliberal, nesse caso, a independência financeira da mulher jamais garantirá sua autonomia e sua libertação porque os valores humanistas que as assegurariam não existirão mais.

É certo que é somente dentro do mundo dado, deste mundo que aí está, que cabe fazer sucumbir o reino de opressão que cerceia a liberdade da mulher e, em contrapartida, fazer triunfar o reino da liberdade; porém, se antes “para alcançar essa suprema vitória é [era], entre outras coisas, necessário que, para além das diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade” (BEAUVOIR, 1970b, p. 500), parece-me que numa época de fim dos valores humanistas, como a fraternidade e a liberdade, essa máxima seja insuficiente, pois no fim do humanismo – repetindo o que já fora aqui afirmado – nem a razão e nem os fatos são relevantes.

No contexto de guerra de classe que nega sua própria natureza, de guerra contra os pobres, guerra de gênero contra as mulheres, em que os representantes políticos dão lugar aos empreendedores políticos cujo sucesso é calcado na persuasão dos que tiveram suas identidades arruinadas pela diluição da subjetividade, o que Simone de Beauvoir pode nos dizer? Como pensar uma Filosofia Feminista e Humanista no pós-Humanismo?

Infelizmente, qualquer ensaio de resposta aqui engendrada não extrapolará o campo da suposição, mas ainda creio que é o melhor que posso oferecer. Como combater a irracionalidade antevista por Mbembe? Defendo que o caminho seja o da racionalidade, com resistência e luta, com trabalho, com cultura, com manifestação popular, com democracia, com a universidade, com o conhecimento, com a ciência, com o pensamento, com poesia, com filosofia, com feminismo, com os valores humanistas.

Não é necessário esmorecer diante das adversidades e a História nos dá exemplos alentadores. Os trabalhadores, em sua maioria, são explorados, dissemos acima, contudo, foi no sistema capitalista que os homens trabalhadores tomaram consciência das suas necessidades, criaram sindicatos, movimentos, partidos políticos e passaram a reivindicar direitos. Os trabalhadores já eram explorados em sistemas anteriores ao capitalismo, então, digamos que o sucesso do capitalismo acentuou as desigualdades e a exploração, mas também engendrou a consciência de classe e permitiu a sua própria contestação. Analogamente, podemos dizer que foi no seio do movimento feminista, no triunfo das reivindicações dos direitos das mulheres, que a *consciência de gênero*, se podemos falar desta forma, proporcionou a sua *contestação* e o surgimento de outras vertentes de feminismo e das pautas identitárias mais recentes, como por exemplo, o ecofeminismo e a interseccionalidade.

Ainda cabe, certamente, a necessidade de conhecermos melhor os mecanismos contemporâneos e futuros de dominação e alienação para que possamos desmontá-los. Os elementos atualizados do eterno feminino se impõem cada vez de maneiras novas: como identificação da mulher-corpo nos meios publicitários, televisivos, das mídias de massa e redes sociais; também são combinados à idealização da mulher maravilha: eficaz dona de casa, financeiramente bem-sucedida e com o “corpo perfeito”, representada no eterno feminino do mito da maternidade. Contra o *apartheid*, união; contra a guerra às minorias, consciência de classe e consciência de gênero.

Que saibamos lutar das nossas trincheiras: que nós da Filosofia possamos buscar outras manifestações teóricas e outras concepções de mundo para alcançarmos a totalidade pretendida pela Filosofia, mas que também saibamos ir além das nossas trincheiras porque a salvação, como libertação, só virá pela coletividade, como disse Simone de Beauvoir: “Essa libertação só pode ser coletiva” (1970b, p. 393).

## Referências

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: Fatos e mitos*. Volume 1. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970a.

\_\_\_\_\_. *O segundo sexo: Experiência vivida*. Volume 2. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970b.

\_\_\_\_\_. *Por uma moral da ambiguidade*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

*El país*. Greve geral: acompanhe ao vivo as paralisações. *El país*, São Paulo, 14 de junho de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/14/politica/1560509066\\_148052.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/14/politica/1560509066_148052.html)

MBEMBE, A The age of humanism is ending. *Mail & Guardian, Analysis*, 22 December 2016. Available at: <https://mg.co.za/article/2016-12-22-00-the-age-of-humanism-is-ending>. Accessed: June 2019.

**Recebido em:** 30/Ago/2019 - **Aceito em:** 01/Dez/2019.